

É possível estimular a economia com desemprego de 19%?

Alguns economistas dizem que problema está na procura e não na oferta

NUNO AGUIAR

naguiar@negocios.pt

O Governo apresenta terça-feira um plano de dinamização da economia, que terá como objectivo ajudar a colocar Portugal na senda do crescimento. No entanto, as medidas destinadas a ajudar as empresas a acederem a crédito, exportarem e investirem serão aplicadas num contexto de recessão e desemprego crescente. Podem estes pacotes de estímulo serem bem sucedidos num ambiente de austeridade?

“Não me parece. Não é assim que se consegue uma alteração significativa. Não estamos a falar de um cenário de fim de austeridade, mas sim de mais austeridade. Isto não é uma inversão”, sublinha Nuno Teles, investigador no Centro de Estudos Sociais (CES). Opinião semelhante tem Luís Mira Amaral, antigo ministro da Indústria. “É difícil fazer a diferença neste ambiente. Não estou optimista. O Governo prepara-se para fazer mais uma viragem política do que uma viragem económica”, afirmou ao **Negócios**.

O economista Ricardo Arroja, apesar de concordar que a tarefa “é difícil”, considera que o Estado não tem as mãos atadas. “Há uma coisa que o Estado deveria fazer de imediato: pagar todos os pagamentos em atraso, recorrendo à parte do fundo destinado a recapitalizar os bancos que não foi utilizada.”

Mesmo tendo em conta que o executivo não quer aumentar a despesa pública para estimular a economia, outras medidas poderiam ser consideradas. Nuno Teles refere a aprovação de legislação no sentido de “um maior protecção, privilegiando alguns sectores – que criem mais emprego ou sejam mais

Não estamos a falar de fim da austeridade, mas sim de mais austeridade. Isto não é uma inversão.

NUNO TELES

Investigador do CES

competitivos para o futuro – sobre outros”.

Problema de oferta ou de procura?

O plano desenhado pelo Ministério da Economia deverá centrar-se num projecto de desagravamento fiscal, redução dos custos de contexto e maior facilidade de acesso a crédito para empresas exportadoras. Concentra-se, por isso, no lado da oferta. Vários economistas têm argumentado que o problema da economia portuguesa não está na oferta, mas sim na procura. Isto é, não está na capacidade de as empresas produzirem, mas sim no facto de, com reduções drásticas de rendimento (cortes e impostos) e um desemprego que deverá chegar próximo dos 19%, as pessoas não comprarem aquilo que elas vendem.

Ricardo Arroja considera que ambas as abordagens têm um fundo de verdade. “É um problema de procura, porém, é também um problema de oferta na medida em que esta se tornou mais restrita por via dos aspectos qualitativos da concessão de crédito”, nota, defendendo a eliminação do IRC para todas as empresas portuguesas. “A perda de receita teria de ser negociada junto da troika”, dando mais tempo para cumprir as metas de consolidação.